

SUBMETIDO 21/06/2021

APROVADO 06/10/2021

PUBLICADO ON-LINE 23/10/2021

PUBLICADO 30/03/2023

EDITORES ASSOCIADOS

Italan Carneiro Bezerra e Bruna Araujo Cunha

DOI: <http://dx.doi.org/10.18265/1517-0306a2021id6080>


ARTIGO ORIGINAL


Senhora Einstein e A Hora da Estrela: um olhar sobre a representação da figura feminina nas obras

 Mariana Moreira de Sousa ^{[1]*}

 Isabelly Furtado de Andrade ^[2]

 Jacinta Ferreira dos Santos Rodrigues ^[3]

 Renalle Meneses Barros de Brito ^[4]

 Telma Lucia Bezerra Alves Aires ^[5]

 Joelma Fernandes de Oliveira ^[6]

[1] mariana.moreira@academico.ifpb.edu.br

[2] isabelly.furtado@academico.ifpb.edu.br

[3] jacinta.rodrigues@ifpb.edu.br

[5] telma.aires@ifpb.edu.br

Universidade Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB),
Campus Cajazeiras, Brasil

[4] renalle.direitoeletras@gmail.com

Secretaria de Educação de
Marizópolis (PB), Brasil

[6] joelma.oliveira@ifrr.edu.br

Instituto Federal de Educação, Ciência
e Tecnologia de Roraima (IFRR),
Campus Boa Vista, Brasil

RESUMO: Nos séculos XIX e XX, os costumes e valores socioculturais galgaram constantes (trans)formações. A mulher percorreu períodos de muitas lutas na história da humanidade, em virtude de ter restringida, por um sistema opressivo, a liberdade de expressar sua capacidade intelectual e escolhas de vida. Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo compreender a representação da figura feminina nas obras “Senhora Einstein” (BENEDICT, 2017) e “A Hora da Estrela” (LISPECTOR, 1998), sob o caráter de revisão bibliográfica, com embasamento teórico pautado em questões de gênero e protagonismo feminino. As análises notabilizaram o silenciamento das ações das personagens por meio das estruturas sociais e pessoais em que estavam inseridas.

Palavras-chave: figura feminina; questões de gênero; silenciamento.

A Perspective on Female Representation in the Novels Senhora Einstein and A Hora da Estrela

ABSTRACT: During the 19th and 20th centuries, sociocultural behaviors and values bore constant (trans)formations. Women have gone through periods of many struggles in human history because their freedom to express their intellectual capacity and their life choices were restricted by an oppressive system. Thus, the present study aims to understand the representation of the female figure in the works “Senhora Einstein” (BENEDICT, 2017) and “A Hora da Estrela” (LISPECTOR, 1998) through a bibliographical review, with theoretical foundation based on issues of gender and female protagonism. The analysis highlighted the silencing of the characters' actions through the social and personal structures into which they were inserted.

Keywords: female figure; gender issues; silencing.

*Autor para correspondência.

1 Introdução

É notório que os séculos XIX e XX ambientaram diversas lutas históricas, políticas e sociais pelos direitos das mulheres. A representação familiar modificou-se com as constantes alterações de valores e práticas. Os efeitos da urbanização, do avanço científico e da globalização transformaram significativamente os papéis tradicionais da sociedade (ARRIAGADA, 2000). Por conseguinte, a voz feminina apresenta-se lentamente em outras esferas sociais e as atribuições de adultos homens e mulheres, jovens e crianças alteram-se voluvelmente. Movimentos sociais e políticos surgem nos círculos sociais e passam a questionar valores estruturalmente impostos na sociedade, como o patriarcado e a subjugação da mulher à esfera do lar.

Na literatura, a autoria e protagonismo femininos foram criando e ampliando seu espaço; a mulher passou a adquirir uma nova postura diante dos novos papéis a desempenhar na sociedade brasileira e no mundo. Nessa perspectiva, surge Clarice Lispector, no cenário literário, considerada uma das escritoras mais importantes do século XX. Em “A Hora da Estrela” (LISPECTOR, 1998), seu último romance, a autora mergulha no âmago da personagem Macabéa – jovem alagoana de 19 anos, órfã e que vive no Rio de Janeiro. Por meio das situações vivenciadas no plano fictício da obra, percebe-se o silenciamento da mulher em meio a um sistema patriarcal.

Marie Benedict, escritora contemporânea, enquanto trabalhava como advogada, ambicionava conhecer a vida e os feitos de grandes mulheres da história. A obra “Senhora Einstein” (BENEDICT, 2017) concretizou seu sonho e revelou a história de Mileva e Albert Einstein. O romance fictício, baseado em fatos reais, promove um debate acerca do preconceito vivenciado por muitas mulheres que trilharam o caminho da ciência, um campo predominantemente masculino. Sob o olhar da personagem Mileva, é possível observar as dificuldades da figura feminina nas esferas acadêmica e profissional.

Em vista disso, a representação feminina nas duas obras possibilita a compreensão sobre as questões socioculturais às quais a mulher esteve submetida nesse período, além de explanar as ações e comportamentos que levaram ao esquecimento da figura feminina durante muito tempo, em razão do preconceito e dos estereótipos instituídos pela sociedade.

Nessa perspectiva, o presente artigo tem como objetivo principal compreender a representação da figura feminina nas obras “Senhora Einstein” e “A Hora da Estrela”. Para tanto, mobilizaram-se vastos métodos de revisão bibliográfica e direcionamentos para uma pesquisa qualitativa que visa evidenciar os comportamentos e ações provenientes dos séculos XIX e XX, além de uma fundamentação científica pautada em questões de gênero e representação do feminino, promovendo uma reflexão acerca de vários aspectos sociais, políticos e culturais.

Dessa forma, apresentam-se os desdobramentos do artigo, nas seções posteriores, no que tange ao referencial teórico, com discussões sobre o período histórico inserido nos livros, ao método de pesquisa utilizado para ressaltar os conhecimentos abordados e aos resultados da investigação teórica-qualitativa, que abrangem as protagonistas femininas das obras, como também suas contribuições literárias e representativas. Por fim, encontram-se as considerações finais, as quais englobam a conclusão do trabalho científico.

2 Referencial teórico

No século XIX, a sociedade se organizava com base na família e na ideia central de domínio do pai, caracterizando o patriarcado. As mulheres não tinham

voz, não argumentavam e recebiam uma educação doméstica que as orientava para a manutenção e nunca para a ruptura desses aspectos. Eram ensinadas a sonhar com o casamento, ápice da realização pessoal e, em função desse “sonho”, tinham vidas, gestos e posturas bastante comedidas. Nas palavras de Scott (2018, p. 16): “Na ordem patriarcal, a mulher deveria obedecer a pai e marido, passando da autoridade de um para a do outro através de um casamento monogâmico e indissolúvel. O domínio masculino era indiscutível”.

As mulheres teriam poucas opções, uma vez que o amor conjugal, a romantização de uma união feliz, recíproca, não era o objetivo principal. O cerne era a escolha “prudente” feita pela família e que seria obedecida pela moça. A Igreja influenciava diretamente no conceito familiar da época, sendo que a concepção vigente era uma mulher do lar, que preservava sua família e seus filhos, uma figura agradável e boa esposa. A dominação masculina da sociedade garantia a subordinação feminina e restringia sua liberdade de expressão.

Alves (2000) ressalta a religião, especialmente a Católica, até a década de 1960, como um importante fator de controle por desempenhar papel fundamental nessa estrutura, sobretudo, para a manutenção dos valores vigentes na sociedade brasileira. Segundo a autora, “restrições e temores (sobrenaturais) ligados às consequências do ‘Pecado da Desobediência’, que não só leva ao inferno, mas transtorna toda a vida e atrai desastres e miséria, como ‘Castigo Divino’, eram ideias difundidas” (ALVES, 2000, p. 236). Essas concepções foram publicadas nos primórdios da formação da sociedade brasileira, como nos sermões de Padre Antônio Vieira (1663): “Em Adão e Eva se viu a diferença que há entre o entendimento do homem e o da mulher – porque Eva foi enganada, Adão não. Ensine logo, Adão, ensine o homem; Eva e a mulher, não ensine.”

No quesito educacional, somente em 1837, passou a ser permitida a entrada de mulheres em universidades nos Estados Unidos. No Brasil, com a vinda da família real portuguesa e com a Independência, em 1822, os dirigentes demonstraram, pela primeira vez, uma preocupação com a educação das meninas, e, com isso, o governo ofertou um ensino primário para estudantes do sexo feminino. Já em meados de 1960, as mulheres brasileiras obtiveram maiores oportunidades de ingressarem no ensino superior (PEREIRA; FAVARO, 2017). Diante dos dados revelados, constata-se que houve muitas etapas para que, enfim, a mulher concretizasse seu direito a uma instrução pedagógica de qualidade.

Soibet (2020) afirma que a medicina social assegurava as características femininas – a fragilidade, o recato, a vocação maternal e o predomínio das faculdades afetivas sobre as intelectuais – por meio de razões biológicas. Por outro lado, o homem abrigava em si e diante de todos uma natureza autoritária, racional e uma sexualidade sem freios. A representação atribuída às mulheres era suficiente para justificar que se exigisse delas uma submissão perante os costumes e um comportamento que não maculasse sua honra. Mulheres despidas de uma conduta inata da “mulher normal” seriam consideradas extremamente perigosas.

Entretanto, com a ascensão de movimentos sociais e políticos de igualdade de gênero, nos fins do século XIX e início do século XX, essa realidade gradualmente se modificou. O patriarcado instaurado nos modos de produções tradicionais passou por transformações ao adicionar lentamente a figura da mulher no mundo do trabalho. Inicialmente, nas atribuições do magistério; posteriormente, nas fábricas e indústrias e, paralelamente, nas lutas contra a violência e o assédio de seus superiores.

Por essa acepção, no início do século XX, a mulher passa a desempenhar a função de professora em escolas primárias, em razão da concepção coletiva de que

possuía um instinto maternal, estando apta para cuidar e exercer a docência nas séries iniciais (FARIAS *et al.*, 2015). Percebe-se, nesse limiar, que o papel da mulher começou a modificar-se com sua entrada parcial no mercado de trabalho, ainda que discriminações se fizessem costumeiras em seu cotidiano.

No século XX, as lutas pelo direito ao voto, por salário igualitário e por direitos trabalhistas foram ganhando cada vez mais fôlego. As mulheres reivindicaram bravamente sua liberdade, com auxílio de associações que lutaram pela emancipação feminina e pela quebra da subordinação imposta por um sistema desigual. Por esse viés, o movimento feminista contemporâneo encontrou seu auge na década de 1960, e muitas conquistas sexuais, trabalhistas e políticas foram alcançadas, apesar de ainda persistirem diversas desigualdades.

As primeiras obras femininas que requerem espaço na política e na educação despontaram no século XVIII, inspiradas no Iluminismo e na Revolução Francesa. Segundo Yukizaki (2014), os ideais iluministas e revolucionários de igualdade e liberdade serviram como ponto de partida para alertar, na consciência das mulheres, que algo estava errado, iniciando assim uma participação ativa na busca pela efetivação dos seus direitos.

Nessa retórica, é importante rever o sexismo como um sistema social que nasce como consequência dos discursos discriminatórios sobre a mulher, colocando-a como inferior e submissa à figura masculina. Essa construção se expande e se torna comum à medida que a sociedade se acostuma com a imposição de papéis destinados a mulheres e homens. Nas palavras de Almeida (2016, p. 1-2): “essas marcas identitárias e das diferenças internalizadas nas pessoas se alastram pelo senso comum permeado de sexismo”.

O conjunto de ações e pensamentos sexistas é uma problemática independentemente de estes serem perpetuados por homens ou mulheres. Uma maneira de reverter esse cenário deve começar pela compreensão de que todos contribuem para a disseminação do sexismo, devido aos estigmas propagados pela estrutura tradicional. Os conceitos antiquados, transmitidos de geração em geração, defendem que, desde muito cedo, a figura feminina seja submetida às tarefas domésticas e à maternidade. Esses conceitos se tornam inteiramente díspares à ideologia feminista, sobretudo no que concerne à liberdade, uma vez que o feminismo não proíbe as mulheres de atuarem nessas esferas, mas luta pela possibilidade de escolha, pelo direito de decidirem, elas mesmas, o seu lugar.

O feminismo, em sua totalidade, é muito maior que a equidade entre homens e mulheres. A igualdade de gênero, que, entre tantas reivindicações, defende salários iguais para funções iguais e a divisão de responsabilidades entre mulheres e homens nos âmbitos trabalhista e doméstico, é apenas uma das lutas feministas.

A “primeira onda feminista” ocorreu no final do século XIX e início do século XX; suas principais reivindicações estavam relacionadas à melhoria das condições trabalhistas, ao direito ao voto e à educação para meninas. É válido ressaltar que os princípios femininos da época estavam unicamente ligados ao matrimônio, ao lar e à maternidade. Nessa perspectiva, o movimento sufragista, que correspondia à busca pelo direito das mulheres ao voto, possui uma representação significativa para o princípio do feminismo, defendendo que sua realização beneficiaria as condições de trabalho e daria espaço para a voz feminina dentro do lar, na família. Os países precursores desse pensamento e que obtiveram maior notoriedade foram França, Inglaterra e Estados Unidos, porém a primeira nação a admitir o sufrágio à mulher foi a Nova Zelândia em 1893.

A segunda onda do movimento (1960-1980) ocorre no cenário pós-guerras mundiais. Nesse período, quando a maior parte dos países ocidentais havia permitido o voto

feminino, a igualdade de gênero, entretanto, ainda estava distante de ser conquistada. As maiores requisições do momento abarcavam os direitos reprodutivos, a luta por reconhecimento dos direitos femininos, a identificação da violência contra as mulheres e punição aos agressores. Concomitantemente, outras pautas surgiram: direito à propriedade, família, trabalho, sexualidade e divórcio. Uma significativa conquista da temporada foi a chegada da pílula anticoncepcional ao mercado. “A pílula deu às mulheres controle sobre a gravidez, permitindo que limitassem o tamanho de suas famílias e se dedicassem a sua carreira. [...] a pílula foi libertadora – e chegou para ficar” (MCCANN; RODRIGUES, 2019, p. 136).

“O Segundo Sexo”, um dos livros pioneiros de Simone de Beauvoir, lançado na França em 1949, emergiu entre o fim da primeira onda feminista e o surgimento da segunda, se tornando uma das contribuições mais relevantes dessa nova fase, inspirando várias ideias e questionamentos quanto ao papel da mulher na sociedade. A popular frase da autora “Não se nasce mulher, torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1970) explica que a feminilidade é uma construção cultural e social, formada ao longo de gerações.

A terceira onda, que se desdobra entre o fim dos anos 1980 e se estende aos anos 2000, abrangeu o “feminismo negro”, que foi crucial para o reconhecimento do racismo, do preconceito de classe e do sexismo. De acordo com Ribeiro (2016, p. 5): “Numa sociedade de herança escravocrata, patriarcal e classista, cada vez mais se torna necessário o aporte teórico e prático que o feminismo negro traz para pensarmos um novo marco civilizatório.” Nessa perspectiva, vislumbra-se a importância do estudo acerca da mulher negra e de suas requisições como uma forma de auxiliar a transformação de pensamentos racistas.

No Brasil, o feminismo manifestou-se ainda no período imperial, durante a luta pelo direito à educação feminina. Nesse segmento, desponta Nísia Floresta, nascida no Rio Grande do Norte, no ano de 1810, considerada como precursora do feminismo brasileiro por ter fundado as primeiras escolas para meninas no Rio Grande do Sul e na cidade do Rio de Janeiro. Também se destaca, no século XIX, a bióloga Bertha Lutz, que nasceu em São Paulo (1894), sendo a líder feminista pioneira do sufragismo no Brasil. A partir dessa mobilização, é decretado em 1932 o direito ao voto, sem distinção de sexo, entretanto sua realização só se tornou possível em 1934.

Por conseguinte, é notório o crescimento do movimento feminista no Brasil durante os séculos XX e XXI, o que trouxe resultados positivos para a luta em favor dos direitos das mulheres brasileiras. Um deles é a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006), sancionada durante o governo do presidente Lula em 2006, que prevê a punição para homens que cometem violência contra a mulher. De acordo com Mendonça e Britto (2011, p. 5): “essa proteção vem de diferentes formas, é proteção psicológica, com o auxílio de especialistas que acompanham mulheres vítimas de violência doméstica, e proteção material, afastando a vítima do seu agressor e garantindo a esta proteção.”

É evidente que o feminismo representou uma soma de lutas e rupturas revolucionárias, construídas ao longo da história com mobilizações deveras importantes; entretanto, notam-se ainda algumas continuidades que devem ser rompidas, como a persistência de estereótipos sexistas e as consequências que estes impõem à mulher. A permanência dessas problemáticas reforça mais uma vez a relevância da progressão do movimento para a desconstrução das bases patriarcais. O feminismo contemporâneo torna viável a realização de mudanças para todas as figuras femininas, devido a sua amplitude e inclusão, e nele estão inseridas mulheres de todas as cores, etnias, religiões, portes físicos e orientações sexuais.

3 Método da pesquisa

O presente artigo é fruto de uma pesquisa qualitativa, uma vez que busca analisar, por meio de interpretações/comparações, as obras “Senhora Einstein” e “A Hora da Estrela”. Segundo Strauss e Corbin (2008, p. 23), a pesquisa de base qualitativa “pode se referir à pesquisa sobre a vida das pessoas, experiências vividas, comportamentos, emoções e sentimentos, movimentos sociais, fenômenos culturais e interação entre nações”.

Além disso, este estudo se caracteriza como uma pesquisa bibliográfica – que, segundo Marconi e Lakatos (2006, p. 47), “é a reunião sistemática do material contido em livros, revistas, publicações avulsas ou trabalhos mimeografados” –, dado o minucioso levantamento realizado a partir de importantes fontes escritas (livros, revistas, publicações) para a construção do aporte teórico.

No que tange à análise dos dados, utilizamos a técnica de roteirização, proposta por Freitas (2003, p. 6), que indica “tópicos que sinalizam os trechos a serem posteriormente transcritos, compondo o corpus de análise propriamente dito”. Desse modo, foi realizada uma seleção das principais informações, organizadas por meio de quadros de sistematização que dialogam com o objetivo desta pesquisa.

4 Resultados da pesquisa

A figura da mulher é influenciada a partir dos pressupostos que compõem a estrutura social instituída no momento presente. Elementos como cultura, política e padrão de beleza abrangem (ou ditam) a maneira como elas devem se comportar socialmente. A personagem Macabéa do romance “A Hora da Estrela” (LISPECTOR, 1998) é um modelo de como as convenções sociais interferem no modo como o ser humano vê o outro e, conseqüentemente, como vê a si mesmo.

Macabéa era uma moça nordestina com pouca perspectiva de crescimento social na vida. Recém-chegada ao Rio de Janeiro, a jovem instala-se em um pequeno quarto, dividido com colegas, e consegue um emprego como datilógrafa. Já no início do enredo, é captada a intenção do narrador em demonstrar uma realidade árdua, experienciada por muitas mulheres, quando apresenta a vaga e humilde existência da personagem de um modo excruciante. O trecho a seguir exemplifica: “como a nordestina, há milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa. Não notam sequer que são facilmente substituíveis e que tanto existiram como não existiriam” (LISPECTOR, 1998, p. 14).

Nesse sentido, a partir do momento em que a história expõe várias facetas da protagonista, em concomitância, evidencia diversas questões existenciais e problemas emergentes da sociedade. O narrador Rodrigo S.M. propõe uma perspectiva diferente ao apresentar os fatos de uma maneira explícita e crítica e recorre à utilização de termos intensos em sua abordagem acerca da protagonista. Segundo o narrador: “que não esperem, então, estrelas no que se segue: nada cintilará, trata-se de matéria opaca e por sua própria natureza desprezível por todos” (LISPECTOR, 1998, p. 17). Nota-se, aqui, sua desconsideração com a personagem, pois, em muitas passagens do livro, deixa visível para o leitor que a menospreza quando se refere a suas características individuais.

A alagoana passava despercebida em todos os lugares que visitava; uma jovem com pouca presença e impacto, “invisível” perante os olhares coletivos. Sua existência era

designada como insignificante e miserável, uma vez que não possuía ideias concretas e se deixava influenciar facilmente pelos fatos que escutava, demonstrando pouco discernimento para lidar com os muitos alçozes da vida. Em virtude de não ter sido estimulada a suportar algo por si própria, vivia numa espécie de acomodação, e um tédio costumeiro fazia-se presente em seu cotidiano: “quanto à moça, ela vive num limbo impessoal, sem alcançar o pior nem o melhor. Ela somente vive, inspirando e expirando, inspirando e expirando” (LISPECTOR, 1998, p. 23).

Em seu emprego de datilógrafa, a personagem pouco se destaca, recebe reclamações recorrentes de seu chefe e prossegue com sua rotina monótona. Como contrapartida à sua personalidade enfadonha, conhece a energética carioca Glória, que representa seu inverso. A colega de trabalho caracterizava-se por sua exuberância e lãbia, possuía “corpo” e postura relevantes, atributos bastante valorizados pela sociedade. Seu comportamento mais sensual e sua vida mais estruturada colocavam-na num patamar privilegiado – em certa medida – em relação aos padrões da época.

Nas palavras de Wolf (1991, p. 29): “a beleza da mulher precisa corresponder à sua fertilidade”. Nessa perspectiva, Macabéa não se encaixava nos parâmetros de beleza impostos naquele tempo. A estética feminina circundava em torno de um corpo curvilíneo e definido: enquanto Glória enquadrava-se perfeitamente nesse padrão, a protagonista, por outro lado, era menosprezada por não possuir essas singularidades. O senso comum estabelecia que as mulheres mais “gordas” seriam melhores parideiras, além de considerar a gravidez um evento importante para a vida feminina, exercendo influência direta nos padrões de beleza da época. A gordura sempre fora o ideal secreto de Macabéa, pois em Maceió havia escutado um rapaz dizer para uma gorda que passava na rua: “tua gordura é formosura” (LISPECTOR, 1998, p. 61).

Por essa acepção, a protagonista da novela desconstrói totalmente a conjuntura estereotipada da imagem feminina representada em boa parte da literatura brasileira: ilustrações que traziam mulheres bonitas, sedutoras e voluptuosas, que consistiam no total oposto da alagoana, visto que Macabéa é tudo o que a sociedade brasileira despreza: feia, raquítica, insignificante e incompetente em variados âmbitos de sua vida (SILVA, 2012). A moça era pobre de afeto, de conhecimento, de condições econômicas e de recursos da linguagem, portanto não identificava sequer a própria miséria e infelicidade, além de não conseguir reconhecer todos os infortúnios e frustrações que a acometiam desde o início de seu trajeto. Somente teve um vislumbre de esplendor e esperança em seu leito de morte.

Por não lidar muito bem com letras e máquinas de escrever, a datilógrafa era constrangida e pressionada por seu patrão, que a tratava com desprezo e a diminuía constantemente, embora a mantivesse no emprego, pois ela era uma das poucas que aceitava trabalhar sob aquelas condições e receber menos de um salário mínimo. Desse modo, o narrador exprime: “Por que escrevo sobre uma jovem que nem pobreza enfeitada tem? Talvez porque nela haja um recolhimento e também porque na pobreza de corpo e espírito eu toco na santidade, eu quero sentir o sopro do meu além” (LISPECTOR, 1998, p. 21). A narrativa impele uma crítica que transmite uma representação fiel de mulheres de classes menos favorecidas.

A nordestina era uma pessoa caracterizada por bastante simplicidade e praticidade. Em sua personalidade eram visíveis bondade e gentileza, pois tratava a todos a quem conhecia com amabilidade. Por outro lado, ela pouco reagia quando contrariada, obedecia a qualquer chamado e pouca ou nenhuma contundência demonstrava em suas opiniões. Na trama, se pergunta: “Por que ela não reage? Cadê um pouco de fibra? Não,

ela é doce e obediente” (LISPECTOR, 1998, p. 26). Tendo em vista sua ignorância acerca das pautas atuais, ela não se interessava muito por tópicos de cunho político e cultural; quando indagada, fazia o possível para responder, porém suas conclusões eram muitas rasas e superficiais.

Nessa compreensão, alguém que mal concebia sua própria existência teria dificuldades ao relacionar fatores que, em sua ignorância, não faziam parte de sua vida. Ela não questionava a ordem natural dos acontecimentos, por mais que aparentemente injustos alguns se apresentassem; apenas prosseguia sua vida, aceitava sua condição sem reclamar uma única vez. A ingenuidade da personagem era habitual: “Não fazia perguntas. Adivinhava que não há respostas. Era lá tola de perguntar? E de receber um não na cara?” (LISPECTOR, 1998, p. 26-27).

Apesar disso, percebe-se em Macabéa um protagonismo incomum e transformador. É perceptível que, mesmo com suas limitações, a personagem possuía uma curiosidade natural e admirável: apesar de deter rasos recursos de informação e de só ter acesso a assuntos bastante levianos, ainda assim, mostrava-se uma pessoa contemplativa e disposta a aprender. A moça escutava a Rádio Relógio frequentemente para saber das horas e acabava por desfrutar do pouco conhecimento proveniente das discussões da rádio. A alagoana também tinha seus luxos: ia uma vez por mês ao cinema, pintava suas unhas de vermelho escarlate e, algumas vezes, permitia-se ausentar-se do trabalho e ficar sozinha sem fazer nada no quarto da pensão.

Além disso, a datilógrafa surpreende quando demonstra ter suas próprias aspirações. Ela almejava ser artista de cinema como a famosa atriz Marilyn Monroe; contudo, ao relatar seu desejo, foi ridicularizada por sua colega de trabalho por tal pensamento inconcebível. Nas palavras de Glória: “Você tem cor suja. Nem tem rosto nem corpo para ser artista de cinema” (LISPECTOR, 1998, p. 54). Percebe-se uma inferiorização das vontades e ideais da protagonista, que quase não possuía nenhuma ambição em sua existência medíocre.

Clarice Lispector, grande escritora brasileira e autora de “A Hora da Estrela”, misturava-se ao mistério que circunda o ser humano em suas obras, pois estimulava a indagação acerca da condição humana perante a vida e se dispôs a erguer uma escrita que dilacera o âmago e revela intrigas do cotidiano (MARCOS, 2016). Ao apresentar Macabéa, transporta o público a uma grande jornada de autodescoberta, sob uma linguagem meticulosa e cirúrgica, e enfatiza profundas raízes filosóficas no interior de cada um que acompanha a trama. A singela nordestina, que aparentemente nada tem a ensinar, mostra seu crescimento como personagem e adquire dimensão existencial no decorrer de sua história. Macabéa teve sua “hora da estrela”, permanecendo viva em sua simples essência e em uma memória literária que nunca será esquecida.

Por outro lado, na ficção histórica “Senhora Einstein” (BENEDICT, 2017), a protagonista Mileva Marić foi uma jovem sérvia que almejava uma promissora carreira científica, apesar das adversidades que circundavam a figura da mulher em sua época. Mitza, como gostava de ser chamada, sobrelevou diversos julgamentos ao longo de sua trajetória devido às suas escolhas, pois, em 1896, quando grande parte das moças estava vivenciando o matrimônio, a personagem acreditava que a vida conjugal a impossibilitaria de atuar no eixo profissional: “eu não conhecia nenhuma mulher casada que tivesse uma carreira profissional, então por que começar com o senhor Einstein algo que eu não poderia continuar?” (BENEDICT, 2017, p. 81).

Ademais, a estudante enfrentava situações de exclusão e ofensas por fazer parte de um ambiente dominado majoritariamente por homens, sendo a única mulher entre seus colegas de turma. Mileva era costumeiramente questionada por um dos seus professores

sobre seu potencial intelectual; apesar disso, a jovem comportava-se de maneira firme, sem desistir dos seus objetivos. Um evento marcante na história da personagem ocorreu durante o seu Ensino Médio, no qual ela precisou omitir a sua própria inteligência para se proteger das intimidações masculinas: “Você se acha esperta. Querendo chamar a atenção com essa resposta [...] você não deveria nem ter permissão para frequentar as aulas. É o que diz a lei” (BENEDICT, 2017, p. 52).

Por essa perspectiva, Marić era submetida a frequentes situações constrangedoras devido a uma deficiência na perna – as imposições estéticas da época faziam com que seus pais presumissem que ela não se casaria: “com uma perna assim, ninguém vai pedir a mão dela em casamento, o que permitirá que ela ponha em prática todos os dons intelectuais que Deus deu a ela” (BENEDICT, 2017, p. 47). Nessa afirmação, é perceptível o desejo do pai de Mileva quanto ao progresso dos estudos de sua filha.

Ao contrário do pai, a mãe de Mileva discordava de seus anseios profissionais, visto que assentia que o ambiente mais propício para sua filha era o círculo doméstico. Sua percepção conservadora foi fortemente influenciada por sua religião e pelos costumes instruídos por gerações anteriores. A mãe de Mileva acreditava que os investimentos que o pai da menina firmava em sua educação desde sua infância consistiam apenas em alimentar-lhe falsas esperanças, pois, em sua opinião, ela era inocente e necessitava do acolhimento dos pais para não experimentar preconceitos. Apesar de seu dissentimento, a subserviência ao esposo a impedia de fazer maiores críticas. Nesse cenário, percebe-se a atuação da figura masculina como soberana e patriarca no grupo familiar, exemplificada na seguinte frase: “ela não se importou em demonstrar o incômodo que sentia por eu ter escolhido um caminho nada propício para uma mulher, embora papai já tivesse demonstrado todo o apoio e ela raramente o contrariasse” (BENEDICT, 2017, p. 28).

Além de não “se encaixar” no padrão de beleza, Mileva também fugia do comportamento considerado normal atribuído à mulher, ou seja, o predomínio da faculdade afetiva sobre a intelectual, pois sempre se dedicou às ciências e ao seu futuro profissional. Nos vocábulos de Michelle Perrot (2019, p. 50): “Primeiro mandamento das mulheres: a beleza. ‘Seja bela e cale-se, é o que lhe impõem’”. Em suma, o modo de agir feminino é afetado para entrar nos parâmetros estéticos; em razão disso, a inteligência é desvalorizada.

Apesar de todos os obstáculos que enfrentava, Mileva transmitia uma personalidade empoderada e confiante às pessoas ao seu redor, pois essa era a sua forma de sobressair-se das ocasiões preconceituosas que a cercavam. A protagonista sentia a necessidade de passar credibilidade para disfarçar a sua baixa autoestima quanto a sua aparência e até mesmo sua intelectualidade, o que se evidencia na seguinte fala: “Depois me repudiei pela demonstração gratuita de surpresa. ‘Aja com confiança’, me advertiu. ‘Você é tão brilhante quanto os outros alunos da Section Six’ [...] Mas já era tarde demais. Minha baixa autoestima já tinha transparecido” (BENEDICT, 2017, p. 32).

É indubitável enfatizar que Mileva merece reconhecimento por diversas razões, a principal delas é que ela foi uma das primeiras físicas do mundo a enfrentar um sistema tradicionalmente machista para poder estudar. Como é quase que convencional na história das mulheres que tentaram atuar na ciência, ela precisou, no entanto, afastar-se dos estudos devido ao casamento. Na visão de Marie Benedict, autora da obra “Senhora Einstein” (BENEDICT, 2017, p. 282): “A história dela foi, em diferentes aspectos, a história de muitas mulheres inteligentes e letradas cujas aspirações tiveram de ser caladas em nome dos maridos”.

5 Considerações finais

Buscar compreender as lutas das mulheres e analisar a influência que os aspectos históricos mantiveram sobre a figura feminina desde as civilizações antigas é de suma importância para construir um levantamento lógico dos eventos da história da mulher e apresentar os papéis de gênero agregados na sociedade, além de evitar que os preconceitos/silenciamentos continuem permeando a trajetória das mulheres. A averiguação da restrição feminina em vários espaços de poder e comunicação possibilita o entendimento de uma sociedade patriarcal estrutural.

Sendo assim, o presente artigo permitiu estudos acerca do papel da mulher nos âmbitos social, político, histórico e cultural, bem como proporcionou uma visão do protagonismo feminino nas obras analisadas, possibilitando, dessa maneira, uma compreensão do percurso das mulheres no que tange às lutas pelos direitos e reconhecimento de suas contribuições à história da humanidade. A partir das obras literárias, percebe-se o silenciamento imposto à figura feminina e os estereótipos que sempre circundaram suas vidas, impedindo-as de realizar muitos feitos. O embasamento teórico utilizado promoveu, portanto, uma reflexão acerca da participação feminina na literatura e nos espaços acadêmicos.

Financiamento

O financiamento obtido para o desenvolvimento do estudo foi proveniente da Chamada Interconecta IFPB – N ° 01/2020 – Apoio a projetos de Pesquisa, Inovação, Desenvolvimento Tecnológico e Social.

Conflito de interesses

Os autores declaram não haver conflito de interesses.

Referências

ALMEIDA, R. J. O corpo feminino na cultura sexista: a perspectiva de mulheres ainda obesas e de ex-obesas que se submeteram à cirurgia. **Núcleo de Estudos de Gênero – Caderno Espaço Feminino**, v. 29, n. 1, p. 310-326, 2016. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/30262>. Acesso em: 25 out. 2021.

ALVES, Z. M. M. B. Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 16, n. 3, p. 233-239, 2000. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722000000300006>.

ARRIAGADA, I. ¿Nuevas familias para un nuevo siglo? **Paidéia**, v. 10, n. 18, p. 28-39, jul. 2000. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2000000100003>.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**. v. 1. Fatos e Mitos. 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BENEDICT, M. **Senhora Einstein**: a história de amor por trás da Teoria da Relatividade. São Paulo: Gente, 2017.

FARIAS, M. C. S.; SANTOS, N. M. S.; GOMES, M. V. S.; AMORIM, R. M. A trajetória da figura feminina na literatura pelos olhares de Graciliano Ramos e Raquel de Queiroz. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2., 2015, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande: Realize, 2015. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2015/TRABALHO_EV045_MD1_SA2_ID2140_12082015204345.pdf. Acesso em: 23 out. 2021.

FREITAS, D. B. A. P. **Escola Makuxi**: identidades em construção. 2003. 234 p. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/303147>. Acesso em: 21 mar. 2023.

LISPECTOR, C. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do Trabalho Científico**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MARCOS, M. Intrigações do feminino na literatura de Clarice Lispector. *In*: ASSIS, M. E.; SANTOS, T. (org.). **A memória feminina**: mulheres na história, história de mulheres. Recife: Massangana, 2016. p. 132-139.

MCCANN, H.; RODRIGUES, A. **O livro do feminismo**. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

MENDONÇA, J. P.; BRITTO, D. A. A importância da Lei Maria da Penha como mecanismo de proteção às mulheres no Direito brasileiro. **Direito UNIFACS – Debate Virtual**, n. 128, p. 5, 2011. Disponível em: <https://revistas.unifacs.br/index.php/redu/article/view/1428>. Acesso em: 25 out. 2021.

PEREIRA, A. C. F.; FAVARO, N. A. L. G. História da mulher no ensino superior e suas condições atuais de acesso e permanência. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, SUBJETIVIDADE E EDUCAÇÃO (SIRSSE), 4.; SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PROFSSIONALIZAÇÃO DOCENTE (SIPD), 6., 2017, Curitiba. **Anais [...]**. Eixo - História da Educação. Curitiba: UNESPAR, 2017. p. 5527-5542. Disponível em: <https://docplayer.com.br/61411489-Historia-da-mulher-no-ensino-superior-e-suas-condicoes-atuais-de-acesso-e-permanencia.html>. Acesso em: 25 out. 2021.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

RIBEIRO, D. Feminismo negro para um novo marco civilizatório. **Sur - Revista Internacional de Direitos Humanos**, v. 13, n. 24, p. 99-104, 2016. Disponível em: <https://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2017/02/9-sur-24-por-djamila-ribeiro.pdf>. Acesso em: 25 out. 2021.

SCOTT, A. S. Família: o caleidoscópio dos arranjos familiares. *In*: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (org.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2018. p. 15-42.

SILVA, S. S. **A representação social da mulher em A Hora da Estrela de Clarice Lispector: um olhar sobre Macabéa.** 2012. 69 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Vernáculas) – Universidade do Estado da Bahia, Jacobina, 2012. Disponível em: <http://www.saberaberto.uneb.br/handle/20.500.11896/318>. Acesso em: 18 out. 2021.

SOIBET, R. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. *In*: DEL PRIORE, M. (org.) **História das mulheres no Brasil.** 10. ed. São Paulo: Contexto, 2020. p. 362-400.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Pesquisa Qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

VIEIRA, A. **Sermão de Santa Catarina.** 1663. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/fs000017pdf.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2021.

WOLF, N. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres.** 14. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991.

YUKIZAKI, L. M. G. **Direito das mulheres e igualdade de gêneros: efetividade até que ponto?** 2014. 71 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Direito) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/10081>. Acesso em: 25 out. 2021.